

Correção da ficha de trabalho de grupo 11 – Unidade 1 A Mente. Cognição – Tema - A Perceção

1. O processo cognitivo é uma actividade mental que implica a capacidade de compreensão, o processamento de informação, a sua utilização na acção e na comunicação. É um processo intelectual de criação, aprendizagem e construção do saber, bem como da sua utilização nos mais diversos contextos de vida dos sujeitos psicológicos.

2. Os processos cognitivos relacionam-se com os diversos modos de conhecermos o mundo envolvente, os outros e nós próprios. Podemos identificar três processos cognitivos centrais: a **perceção**, que consiste na apreensão do mundo exterior através dos órgãos dos sentidos e na descodificação, ou interpretação dos mesmos; a **aprendizagem**, que consiste num processo de aquisições de conhecimentos e comportamentos, não apenas conhecimentos formais, mas também saberes práticos e baseados em competências; e, por último, a **memória**, processo sem o qual não poderia existir qualquer aprendizagem e que consiste em reter, codificar e armazenar a informação proveniente dos processos de aprendizagem. Outros processos relacionados com a cognição são a inteligência, a imaginação, o pensamento e a própria linguagem.

3. A perceção é o processo cognitivo que organiza e interpreta a informação derivada dos estímulos do meio ambiente, os quais são captados pelos órgãos dos sentidos, e constituem um quadro sensorial do mundo circundante. A perceção é um processo ativo, que após a receção da informação sensorial procede à sua interpretação – identificar e reconhecer o mundo de objectos, as pessoas e os acontecimentos, são atos que decorrem da atribuição de significado. Perceber o mundo é interpretá-lo, é construir um quadro de significados para as nossas experiências sensoriais.

4. A perceção é bipolar no sentido em que existem dois elementos, dois pólos, cuja dinâmica é a construção de conhecimento, ou de cognições: o sujeito e o objecto. Na cognição existe um sujeito percetivo e um objecto que é percecionado. O sujeito é o pólo ativo que interpreta, descodifica, atribui significado, aos estímulos sensoriais provenientes dos órgãos dos sentidos. O objeto é o pólo passivo da perceção – a sua função é ser captado, apreendido, pelo sujeito. O «objeto», no processo de perceção, é um campo de estímulos físicos (de ordem visual, auditiva, tátil, gustativa e olfativa) que afectam os órgãos sensoriais, os recetores dos cinco sentidos.

5. A perceção é seletiva no modo como atende ao fluxo de estímulos sensoriais provenientes do mundo externo. Cada um de nós é um organismo físico num mundo físico e estamos constantemente a ser alvo de uma espécie de «bombardeamento» de ondas e partículas físicas. Quando se diz que a nossa perceção é seletiva isso quer dizer que temos um mecanismo de seleção do fluxo de informação que nos atinge a cada momento, uma espécie de filtro que seleciona apenas aquilo que é mais relevante para nós. Se este «filtro» não existisse, o nosso cérebro deixaria de funcionar e entraria rapidamente em colapso. Chamamos a este «filtro» a capacidade de auto-defesa do cérebro: a atenção. A atenção é o processo que bloqueia uma quantidade muito grande de estímulos que colocariam em causa a nossa capacidade cerebral de descodificação da informação do mundo exterior – não tomamos consciência de tudo o que se passa à nossa volta, pois há muitos estímulos perante os quais nos comportamos como se não existissem. Se a atenção não existisse, ou não fosse funcional, o nosso cérebro entraria rapidamente num processo de auto-destruição, de entropia. Há uma imagem reproduzida no final da obra do neurocientista francês, Jean-Pierre Changeaux, que mostra o «Homem Neuronal» despedaçado pelo fluxo incessante e excessivo de informação do meio ambiente. Numa sociedade da informação como é esta em que vivemos, criada pelo próprio homem, é preciso aprender a seleccionar a informação mais significativa para conseguirmos processá-la. A atenção, quer seja voluntária ou involuntária, é esse mecanismo de auto-defesa do Homem perante a sociedade de informação que ele próprio criou e que ameaça destruí-lo.

6. A atenção é genericamente a capacidade que a nossa mente tem para se concentrar, ou focar, sobre alguma coisa, acontecimento ou fenómeno, que nos atrai. A atenção é voluntária ou involuntária. Deste modo, podemos identificar dois tipos de fatores que influenciam a capacidade mental da atenção: os

fatores relativos ao sujeito (e que se prendem com o seu carácter voluntário) e os fatores inerentes ao objeto (os quais estão ligados ao carácter involuntário da atenção). Os fatores inerentes ao sujeito funcionam como critérios seletivos prévios, que predis põem o sujeito a dar atenção a umas coisas em detrimento de outras – necessidades do momento, as motivações, os gostos, os hábitos, as expectativas, a ocupação profissional, a experiência passada são os **fatores subjetivos** que influenciam a atenção. Por outro lado, os **fatores objetivos** da atenção dependem dos estímulos oriundos do meio ambiente e referem-se ao modo como os objectos afetam os sujeitos colocando uns em maior destaque relativamente a outros: a intensidade, o contraste, o tamanho, a cor, o movimento, a luminosidade e a novidade são alguns desses fatores.

7. A tendência para a estruturação (a que podemos chamar de *pregnância*, ou procura da boa forma) é um princípio básico da percepção e que mostra como esta se auto-organiza, é uma forma «a priori» (isto é, um processo mental de organização dos estímulos sensoriais que é anterior à experiência) que o sujeito possui, uma tendência ou predisposição natural para organizar os estímulos sensoriais, mesmo quando estes são irregulares e indefinidos, processo que nos permite reconhecer objetos que nos são familiares. As leis do fechamento, da continuidade, da proximidade e da semelhança constituem processos de estruturar de modo a priori o campo perceptivo do sujeito.

8. A segregação figura-fundo no processo perceptivo é importante para permitir uma distinção correcta entre as figuras e o fundo no campo perceptivo dos sujeitos. Aliás, este é o princípio basilar da percepção dos objetos, pois não os podemos perceber se não os separarmos do fundo em que se inserem. Para que uma boa percepção seja tida como tal, deve existir uma boa diferenciação, ou contraste, entre a figura e o fundo. Ora, quanto mais acentuado for esse contraste, mais fácil e evidente será a identificação ou reconhecimento do objeto percebido. A segregação figura-fundo é, afinal, a condição necessária da *pregnância*. O nosso campo perceptivo é composto por figuras destacadas de fundos e apresentam propriedades opostas, segregando-se reciprocamente. A percepção capta a figura que sobressai num fundo indistinto. A percepção é afectada quando este contraste entre figura-fundo não é nítido: assim, se houver indistinção entre a figura e o fundo, o objecto torna-se irreconhecível (é como se estivéssemos perante uma mancha indistinta, sem notar qualquer destaque figurativo); por outro lado, se houver figuras reversíveis, isto é, se tanto a figura como o fundo podem funcionar assumindo o papel um do outro, ficamos indecisos sobre que objecto se trata na realidade – é o que acontece em certas ilusões da percepção e também nos casos em que há ambiguidade de figuras, suscitando várias interpretações sobre o objeto que está a ser efetivamente representado. O fenómeno da segregação figura-fundo é explicável pelo facto de um mesmo estímulo visual não ser observável, em simultâneo, como duas partes separadas, ainda que o contorno de uma figura, de uma forma, proceda a essa divisão – vemos a parte (a figura, ou forma) num todo indiferenciado (fundo) de um modo global e único (podemos mesmo falar de um carácter holístico da percepção).

9. A constância perceptiva é a tendência para apreender as propriedades intrínsecas e invariáveis dos objectos, tais como o brilho, o tamanho e a forma, independentemente das alterações que possam ocorrer no seu contexto perceptivo. A despeito das variações dos dados sensoriais, presentes em bruto (não analisados) na nossa experiência presente ou atual, a tendência natural para a sua organização perceptiva leva-nos a perceber os objetos como constantes e estáveis. A constância perceptiva é um modo de adaptação ao mundo que garante estabilidade e regularidade aos sujeitos. Dado que um mesmo objeto se pode multiplicar em outros objetos diferentes, em função da mudança de perspectiva e da distância da nossa observação, a tendência para manter a constância na percepção garante um sentido de ordem, coerência e regularidade no mundo circundante. Esta tendência da percepção impede uma visão caótica do mundo real. Sabemos que um mesmo objeto varia com a luz ambiente, com o tamanho, com a distância a que se encontra dos nossos olhos. Todavia, tendemos a ver o mesmo objeto, a despeito das mudanças de perspectiva, ou de ângulo de visão. Vemos a cor que sabemos que os objectos têm, bem como o seu tamanho e forma. É assim que uma porta nos parece sempre rectangular, embora a sua imagem formada na retina seja a de um trapézio (neste caso, estamos perante um efeito da constância da forma). Do mesmo modo, ao ver um amigo nosso a uma grande distância, não estranhamos que seja outra pessoa, reconhecemo-lo como nosso amigo, a despeito da mudança de tamanho (constância de

grandeza). No que diz respeito à cor, tendemos a perceber o carvão como negro, apesar deste ser mais claro à luz do Sol do que a neve à luz do entardecer.

10. A percepção nunca é uma percepção isolada do sujeito que activamente a constrói, isto é, uma percepção objectiva da realidade nunca surge desligada do sujeito consciente que a organiza e incorpora elementos significativos, que são pessoais e individualizados. Como seria a realidade independentemente do ponto de vista do observador humano? Não sabemos, concretamente, o que isso seja, pois nunca conseguimos anular por completo as fronteiras do acesso ao mundo que são compostas pelos nossos sentidos. Sabemos que haverá cores que não podemos experimentar, pois estão fora do espectro visível do olho humano, o mesmo se passará com os sons, o gosto e o olfacto. O que é a realidade para a percepção de um animal não-humano? E a percepção desta mesma sala, percebida por cada aluno, individualmente, é a mesma sala? Ou haverá tantas salas quantos os pontos de vista subjectivos que as percebem? O mesmo é dizer: não há uma percepção em si, mas só há percepção para um determinado sujeito cognoscente. Dizer que há factores de significação no processo perceptivo é afirmar que a percepção é uma construção subjectiva que influencia o modo como percebemos o mundo, as outras pessoas e nós próprios. Os factores de significação que influenciam a nossa percepção do mundo são diversos: a idade da pessoa, o sexo, a cultura, as motivações, as emoções, a profissão, a experiência anterior, as expectativas e o estatuto social. Estes factores projectam-se nas situações vividas e deixam de ser situações em si, objectivas, para passarem a ser situações vividas e transfiguradas pela interioridade de uma pessoa.